

Notas

⁽¹⁾ Sobre a "linguagem inclusiva" esta Revista publicou, em seu n.º 3 (ano 2, 1987, n.º 1, pp. 29-30), o documento "Tradução antipatriarcal da Bíblia", de Paul Gerhard MÜLLER, da Ass. Bíblica Católica da Alemanha Ocidental, alertando contra os extremismos desse tipo de tradução, o que não invalida a legítima "linguagem inclusiva" (Nota do Redator)

⁽²⁾ Veja, neste número, o estudo sobre "A mulher em Paulo" (NR)

⁽³⁾ Veja, no já citado n.º 3 da nossa Revista, p. 8, o estudo de Pe. Henrique E. CERVI: "A mulher no Código de Direito Canônico" (NR)

Endereço da Autora:
Comunità Eduardo Michelis
Rampa delle Mura Aurelie 9-7/26
00165 ROMA — Itália

A MULHER EM PAULO

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese

Já tive oportunidade, nesta revista, de abordar o tema "A Mulher no Sirácida"⁽¹⁾. Nesse estudo procurei distinguir três tipos de textos sobre a mulher, no livro e autor em questão: textos positivos, textos de advertência e precaução, e textos francamente negativos, com as respectivas análises e a conclusão.

Afrontando o mesmo tema em Paulo, o desafio naturalmente é maior: a influência de Paulo é maior que a do Sirácida, e seus textos sobre a mulher e atitudes para com as mulheres são mais diversificados e mais numerosos. Vejamos, pois, o que podemos fazer, dentro dos limites impostos pelas dimensões e objetivos da nossa revista, que pretende ser um veículo de reflexão e formação para nossos agentes pastorais em Santa Catarina.

Entre os estudos da vasta bibliografia existente, destaco, pelo seu aspecto prático e sua ampla visão de conjunto, o artigo de Maria BERTETICH, na Revista Bíblica Argentina (1976, n.º 1, pp. 15-48), estudo feito, portanto, por uma mulher, teóloga, do ponto de vista da mulher, e intitulado: "Las mujeres — en la vida y los escritos de San Pablo"⁽²⁾. É uma síntese a meu ver excelente, cujo esquema e conteúdo vou aproveitar, sintetizando e/ou complementando com estudos posteriores, referindo e/ou complementando.

Na exposição do tema, tão vasto, pretendo abordar, mesmo se resumidamente, o seguinte:

1. A mulher na Igreja primitiva e na vida de Paulo
2. A mulher nas primeiras cartas paulinas: Gl e 1 Cor
 - 2.1. "Não há mais homem e mulher. . ." (Gl 3, 28)
 - 2.2. A mulher no matrimônio, seg. 1Cor 7, 1-16
 - 2.3. A participação da mulher na liturgia: 1Cor 11, 2-16
 - 2.4. Devem as mulheres ficar caladas, seg. 1Cor 14, 34-35?
3. A submissão da mulher nas cartas paulinas posteriores
 - 3.1. O uso de "submeter-se" no Novo Testamento
 - 3.2. A novidade cristã das "tábuas domésticas"
 - 3.3. A submissão das mulheres em casa: Ef 5, 22; Cl 3, 18; Tt 2, 5
- 3.4. A submissão das mulheres na Igreja: 1Tm 2, 11-12
4. As virgens e as viúvas
 - 4.1. A virgindade, seg. 1Cor 7, 25-38
 - 4.2. As viúvas, seg. 1Tm 5, 3-16

1. A mulher na Igreja primitiva e na vida de Paulo

Nos Atos dos Apóstolos, depois da referência inicial a "algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus", nomeadas explicitamente como integrantes da comunidade primitiva junto com os Onze, no cenáculo (At 1, 14), e depois também da menção de Tabita, uma dentre os discípulos em Jope, querida por suas boas obras (At 9, 36ss), temos a descrição da figura simpática de **Lídia, a purpurária**, no c. 16, 11-15. Caracterizada como "adoradora de

Deus" e como líder do grupo de mulheres que se reuniam para a oração do sábado em Filipos, é por elas que Paulo inicia o seu trabalho de evangelização na Europa, em meio à sua segunda viagem missionária. "Aderindo ao que Paulo dizia", batizou-se, Lídia "com os de sua casa", e hospedou o Apóstolo e seus companheiros.

a figura simpática de Lídia, líder do grupo de mulheres que se reuniam para a oração

Outra figura notável é a de **Priscila**, esposa de Áquila, nomeados sempre juntos; casal cristão que Paulo encontra em Corinto (At 18, 2-3) e com os quais se hospeda e trabalha. Nas seguintes referências ao casal nos Atos (18, 18 e 26), Priscila é sempre nomeada antes do marido, como o será também em Rm 16, 3-5a e 2Tm 4, 19 (embora em 1Cor 16, 19 apareça a seqüência "normal": Áquila, o marido, nomeado em primeiro lugar. . .). Trata-se, portanto, de um casal engajado, que funda e dirige "igrejas domésticas" em Corinto, Éfeso, Roma; que é capaz de "expor com mais exatidão o Caminho" a um condiscípulo erudito como Apolo (At 18, 26) e cuja atuação, certamente apoiada por Paulo e incluindo explicitamente Priscila, não combina bem com as normas restritivas de 1Cor 14, 34-35 e 1Tm 2, 11-12.

Mais, entre as trinta e sete pessoas nomeadas por Paulo em Rm 16, das quais dez são mulheres, a primeira a ser "recomendada" é **Febe**, apresentada como "ministra" (**diákonos** = diaconisa?) da igreja em Cêncreas, o porto de Corinto, e caracterizada como "protetora" (**prostátis**)⁽³⁾ de "muitos" cristãos, inclusive o próprio Paulo (Rm 16, 1-2). Na mesma passagem, com Andrônico é também nomeada **Júnia** (v. 7), portanto um casal, como Áquila e Priscila, e de ambos se diz que eram "apóstolos exímios". E ainda: de **Trifena e Trifosa**, e **Pérsida** (v. 12), bem como de **Maria** (v. 6), se diz que "muito se afadigaram no Senhor", isto é, são mulheres que exerceram reais responsabilidades na difusão do Evangelho, realizando um trabalho que Paulo explicitamente valoriza. Nesse sentido, notar também o elogio de Paulo à "fé sem hipocrisia" de **Loide e Eunice**, respectivamente, avó e mãe de seu discípulo Timóteo (2Tm 1, 5). . .

Portanto, na prática, pelo que sabemos destas notícias sobre Paulo ou de suas próprias palavras em suas cartas, ele pessoalmente nada tem de misógino, nenhuma atitude

restritiva demonstrando para com as mulheres e em referência ao lugar delas na Igreja. Pelo contrário, amava-as e prezava-as em Cristo⁽⁴⁾. Que nos dizem, pois, seus escritos?

2. A mulher nas primeiras cartas paulinas: Gl e 1Cor

2.1. "Não há mais homem e mulher. . ." (Gl 3,28)

Gl 3,28 é certamente o texto fundamental para qualquer discussão sobre o lugar da mulher na teologia paulina. Sua afirmação é tão incisiva e lapidar, e seu contexto — de contraste entre as restrições da Lei e a abertura da liberdade em Cristo — tão significativo, que qualquer afirmação posterior, por mais explicitamente restritiva que seja (como a de 1Tm 2,11-12) torna-se relativa, isto é, deve ser relativizada. Pena é que, ao longo da história da Igreja, se tenha usado e abusado tanto das restrições relativas, sem se levar na devida conta a transcendência luminosa do princípio absoluto: "Todos vós sois um — não há mais homem e mulher!"⁽⁵⁾

Notar que este v. se encontra na passagem de Gl 3,23-29 sobre as funções da Lei. Esta é apresentada como "pedagogo" (= condutor de criança!) que encaminha ao Cristo. Uma vez vhegado este, a tarefa da Lei chega ao fim. Os cristãos, portanto, não estão mais sob a autoridade da Lei, mas são livres. E o que os faz livres é a sua pertença a Cristo, sua filiação divina mediante a fé e o batismo. Desaparecem, pois, as antigas divisões: quer as de raça e religião (judeu — circunciso, e grego — incircunciso), as de status social (escravo — servo, e livre — senhor) e mesmo as de sexo (homem — macho, mulher — fêmea⁽⁶⁾). Semelhante kerigma paulino da unidade em Cristo, embora não abrangendo a antítese homem-mulher como aqui, encontramos também em 1Cor 12,13⁽⁷⁾ e Cl 3,9b-11.

Qual o efeito prático deste kerigma da superação das diferenças em Cristo?

Qual o efeito prático deste kerigma da superação das diferenças em Cristo? Sabemos da luta aberta que o próprio Paulo empreendeu para livrar os seus convertidos gentios do "jugo da Lei", especialmente da circuncisão. Quanto à libertação dos escravos e, também, à igualdade das mulheres, porém, sua luta foi mais velada, discreta, menos apaixonada, mais condicionada às contingências do seu tempo, embora sua prática pessoal, quanto à mulher, fosse inequívoca, como o demonstramos acima.

2.2. A mulher no matrimônio, seg. 1Cor 7,1-16

Nesta famosa passagem, em que Paulo aborda longamente o tema do matrimônio, o que impressiona, na sua exposição, é o princípio da **total reciprocidade** entre marido e mulher. Essa reciprocidade torna-se evidente se dispusermos sinoticamente o texto, como segue:

AOS MARIDOS

v. 3a *Que o marido dê à sua mulher o que lhe deve*
v. 4b *Igualmente, o marido não dispõe do seu corpo, e sim sua mulher.*
v. 11 . . . *que o marido não repudie sua mulher*

v. 12 *Se um irmão tem uma mulher não crente e ela consente em viver com ele, não a repudie.*

v. 14a *Pois o marido não-crente é santificado por sua mulher. . .*

ÀS MULHERES

v. 3b . . . *e a mulher igualmente a seu marido.*

v. 4a *A mulher não dispõe do seu corpo, e sim o seu marido.*

v. 10 *Que a mulher não se separe do seu marido*

v. 13 *E se uma mulher tem um marido não-crente, e ele consente em viver com ela, não o repudie.*

v. 14ab . . . *e a mulher não-crente é santificada pelo marido crente.*

AO CASAL

v. 5 *Não vos recuseis um ao outro a não ser de comum acordo. . .*

v. 15 *Se o cônjuge não-crente quiser separar-se, separe-se. O irmão ou a irmã não estão ligados em tal caso, pois foi para viver em paz que o Senhor vos chamou.*

Entre outras coisas, na questão do divórcio, ao mesmo tempo em que Paulo reproduz a tradição sinótica, que apresenta Jesus condenando inequivocamente o "privilegio" masculino de repudiar a mulher (cf. Mt 19,9 e Mc 10,11), ele inova ao mencionar, primeiro, também condenado-a, a iniciativa da mulher: "que a mulher não se separe do marido" (cf. supra, no quadro sinótico, v. 10). . .

Do quadro acima fica evidente que Paulo propõe um modelo novo de casamento em que, cessados os privilégios masculinos, os cônjuges são chamados a partilhar verdadeiramente toda a vida, em mútua fidelidade e respeito recíproco. Nada aparece, ainda, da "subordinação" ou "submissão" da mulher, que encontraremos, p. ex., em Ef 5,22-24 e que, devendo ser bem entendida, estudaremos mais abaixo.

2.3. A participação da mulher na assembléia litúrgica: 1Cor 11,2-16

Este longo texto, intitulado indevidamente, na Bíblia de Jerusalém, "o véu das mulheres", embora jamais apareça aí, no texto original, o termo *véu*, tem sido, mais indevidamente ainda, invocado como justificando a subordinação eclesial das mulheres. Se tal subordinação se encontra, de fato, explícita, na 1Tm 2,11-12, aqui ela não se justifica, e sua dedução se constitui, segundo MURPHY O'CONNOR⁽⁸⁾, num lamentável abuso do sentido literal. Abuso ou mal-entendido, o texto é tão complexo que já se tem recorrido à hipótese de sua interpolação, hipótese, porém, sem chances de tornar-se tese, pois tem prevalecido a opinião de considerá-lo um texto paulino autêntico⁽⁹⁾.

O mesmo MURPHY O'CONNOR, que defende a hipótese de Paulo estar aí posicionando-se contra um possível abuso de "travestismo" no culto coríntio (homens com cabelos compridos, amulherando-se, e mulheres com cabelos curtos, masculinizando-se⁽¹⁰⁾), propõe a seguinte síntese da pericope:

v. 3: afirmação programática

v. 4-7a: descrição e condenação das práticas coríntias

v. 7b-10: primeiro argumento contra os coríntios, baseado na diferença entre homem e mulher seg. Gn 2,21-22, aparentemente esquecendo Gn 1,26-27

v. 11-12: parêntese contra falsa interpretação de Gn 2,21-22

v. 13-15: segundo argumento contra os coríntios, baseado na lei natural

v. 16: terceiro argumento, apoiado na prática das outras igrejas.

Note-se logo que o aparente “subordinacionismo” inicial, do v. 3, é retomado e explicado pela argumentação dos vv. 7b-9, mas logo retificado pelos vv. 11-12, que voltam ao estrito paralelismo homem e mulher, mulher e homem, como no c. 7, 1-16 (cf. supra, 2.2)⁽¹¹⁾

Além disso, note-se que Paulo não faz “concessão” alguma para que a mulher ore ou profetize

Além disso, note-se que Paulo não faz “concessão” alguma para que a mulher ore ou profetize (v. 5), mas simplesmente constata esse direito, em pé de igualdade com o homem, embora exija posturas diversificadas: o homem — de cabeça “descoberta”, e a mulher — de cabeça “coberta”...

Finalmente, no v. 10, o termo gr. *eksousía* não pode absolutamente ser traduzido, como na Bíblia de Jerusalém e mesmo na TEB, por “sinal da sua dependência”, isto é, sinal da autoridade do marido sobre ela... mas, pelo contrário, é “autoridade”, capacidade, poder, do qual goza ela mesma, a mulher cristã⁽¹²⁾. Sua cabeleira, ou “véu”, dependendo da interpretação que se adote, é o sinal dessa “autoridade”. Igual ao homem por natureza e dignidade, a mulher cristã, no pensamento autêntico de Paulo, não é uma menor de idade: ela tem plena capacidade de orar e profetizar na assembléia⁽¹³⁾.

2.4. Devem as mulheres calar e ser submissas, seg. 1Cor 14,34-35?

Outro texto difícil, e este, sim, ensinando literalmente — à primeira vista e segundo a interpretação corrente — o silêncio e a submissão da mulher nas assembléias litúrgicas. Isto, à semelhança do texto tardio de 1Tm 2,11-12, mas em dissonância com tudo o que precede... Tanto assim que bom número de exegetas optam por considerá-lo interpolação⁽¹⁴⁾ ou, então, citação de um slogan coríntio machista (vv. 34-35), que Paulo repeliria no v. 36⁽¹⁵⁾. A teóloga feminista Elisabeth SCHÜSSLER-FIORENZA, no seu conhecido livro “In memory of her”⁽¹⁶⁾ rejeita a hipótese da interpolação e não vê contradição entre este texto e 1Cor 11,5 propondo que lá Paulo reconheça a capacidade da mulher solteira (provavelmente a virgem da qual falara em 7,32-35) de “orar e profetizar” em público, enquanto aqui a rejeite para a mulher casada... distinção, porém, que não parece muito convincente⁽¹⁷⁾.

Sem pretender resolver a questão, pelo visto complexa, é importante situar 1Cor 14,34-35 no seu contexto. Com estes vv. estamos pelo final dos três capítulos (12-14) que tratam dos carismas. Paulo está estabelecendo regras para disciplinar as assembléias tumultuadas de Corinto, e acaba de lembrar-lhes, no v. 31: “Vós todos podeis profetizar, mas cada um por sua vez...” Como, então, entender, especialmente após a norma tão clara de 11,5 (que examinamos acima, no parágrafo 2.3), a imposição pura e simples do silêncio às mulheres? Como entender também que Paulo, o grande paladino da liberdade frente à Lei, invoque aqui precisamente a Lei, no v.34, para impor a submissão?

O autor americano ODELL-SCOTT⁽¹⁸⁾, aparentemente aperfeiçoando a hipótese de FLANAGAN sobre possível

citação paulina de uma consulta pelos coríntios⁽¹⁹⁾, chama a atenção para dois detalhes importantes no texto:

a) a partícula grega *é*, que inicia o v.36, gramaticalmente introduz uma disjunção ou oposição, à semelhança do que ocorre no c.11,22, onde encontramos uma oposição ao que se afirma nos vv. anteriores 20-21. Isto é, a interrogação enfática de v.36 opõe-se ao que está afirmado nos vv. 34-35!

b) esse v. 36 é dirigido não a toda a comunidade coríntia, mulheres e homens inclusivamente, como no v.31, mas só aos homens, claramente identificados pelo adjetivo masculino múnous: “fostes vós”, homens, machistas, “os únicos que recebestes” a Palavra de Deus? É a posição destes, judeu-cristãos que se apóiam abusivamente na Lei, e que poderiam continuar argumentando também em prol da circuncisão para os gentios, contra a qual Paulo tanto se bateu, é a posição deles, e não a de Paulo, que está expressa nos vv.34-35⁽²⁰⁾.

E se alguém argumentasse com o texto paralelo de 1Tm 2,11-12, que veremos adiante, respondemos: lá se trata de outra coisa, outro ambiente, outro Paulo... Em todo caso, os dois detalhes mencionados, do v.36, justificam plenamente, parece-me, a leitura igualitária, não necessariamente feminista, desta mal-afamada passagem de 1Cor 14,34-35.

é a posição deles, e não a de Paulo, que está expressa nos vv.34-35

3. A submissão da mulher, nas cartas paulinas posteriores: Ef, Cl, 1Tm, Tt

Várias noivas, ao se lhes falar nas leituras possíveis para a liturgia do casamento, têm reagido negativamente à sugestão de Ef 5,22ss (“As mulheres submetam-se a seus maridos...”), sem sequer levarem em conta o que está escrito imediatamente antes, no v.21, e que faz parte integrante da perícopa: “Submetei-vos uns aos outros...” É que, numa reação compreensível a séculos, mesmo milênios, de submissão opressiva, o próprio termo “submeter-se” causa repulsa imediata, ainda mais em nossa época tão cônica dos direitos de cada um, inclusive, evidentemente, da mulher.

É preciso, pois, antes de verificarmos os textos como tais, examinar se existe algo mais profundo implicado neste verbo, “submeter-se”, no NT.

3.1. O uso de “submeter-se” no Novo Testamento

É um verbo freqüente — *hypotássō* em gr. — nas passagens exortativas das cartas, especialmente quando se trata de relações interpessoais. Paulo pede, p. ex., que os cristãos se submetam às autoridades constituídas (Rm 13,1-7 e Tt 3,1; que se submetam às lideranças devotadas da comunidade (1Cor 16,16); que as mulheres se submetam a seus maridos (Cl 3,18 e Ef 5,22-24; também Tt 2,5; em 1Tm 2,11 a “submissão” é aconselhada à mulher); que os filhos se submetam a seus pais (Ef 6,1) e os escravos a seus senhores (Ef 6,5), e todos, que se submetam uns aos outros (Ef 5,21). Também Pedro aconselha todos a se submeterem a qualquer instituição humana (1Pd 2,13); os servos, a se submeterem aos senhores (1Pd 2,18); as

mulheres, a se submeterem aos maridos (1Pd 3,1); os mais jovens, a se submeterem aos mais velhos (1Pd 5,5). . . Isto é, em todas essas passagens se reconhece a função necessária da autoridade, à qual convém "submeter-se" em vista do bem comum, "no Senhor".

Porém, além deste emprego do verbo na forma reflexa, temos o seu emprego em textos cristológicos na voz ativa e também na passiva, como na bela passagem da 1Cor 15,28: "Quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá Àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos!"⁽²¹⁾

3.2. A novidade cristã das "tábuas domésticas"

São os textos parenéticos, comuns à cultura judaica e grega da época do NT, em que se recomendava a aceitação das estruturas sociais existentes, cada indivíduo realizando a sua vocação pessoal dentro dessas estruturas. Tais são, p. ex., as "tábuas domésticas" de Ef 5,21-6,9 e Cl 3,18-4,1, que estabelecem novas relações interpessoais em dependência do Cristo e em referência a ele.

Com essa nova perspectiva mudava profundamente o sentido da "submissão"

Com essa nova perspectiva mudava profundamente o sentido da "submissão" aconselhada nessas relações mútuas, à luz da submissão do Cristo a Deus (1Cor 15,28). Submissão não-servil, pois ela é mútua (cf. Ef 5,21 imediatamente antes de 5,22); submissão não-cega nem acrítica, como aparece na 1Pd 3,1-2, em que as mulheres são aconselhadas a se submeterem a seus maridos, mesmo se descrentes, porém "conquistando-os" para a fé⁽²²⁾.

A novidade, pois, dessas "tábuas domésticas" neotestamentárias, é que elas são propostas para serem vividas "em Cristo". E Cristo não apenas como modelo externo, mas segundo o seu Espírito. Como dele são todas as coisas, submeter-se a Ele e aos outros, ao outro, nele e por Ele, é reconhecer livremente o Seu reinado, o Seu domínio, a Sua soberania! Como essa perspectiva é diferente da de um basismo mal-entendido que não reconhece mais a autoridade, mas está tão longe desta "liberdade submissa" e "livre submissão" do Novo Testamento!

3.3. A submissão das mulheres em casa: Ef 5,22-24; Cl 3,18; Tt 2,5.

É impossível entender estes vv. de Ef 5,22-24 sem o v. 21, que enuncia o princípio geral da submissão mútua em Cristo, à luz do paradoxo cristão: Cristo, livre e Senhor de todas as coisas, fez-se o servo obediente de todos e em tudo. . . como o lembra também o extraordinário hino de Filipenses 2, 6-11, antecedido pela exortação do v.5: "Tende entre vós este mesmo modo de pensar/sentir, que foi o do Cristo Jesus. . ."

Impossível também entender esses vv. sem a compreensão do "mistério grande" que é a união sponsal entre o homem e a mulher, imagem/sacramento da união entre Cristo e a Igreja (Ef 5,32), como já o fora, no Antigo Testamento, segundo o profeta Oséias, da união entre Javé e seu povo (cf. Os 2,4-25).

Antropologia androcêntrica, se dirá. . . mas androcêntrica por ser cristocêntrica: o marido é a "cabeça da mu-

lher", como Cristo é a cabeça da Igreja e salvador do seu Corpo, que é a mesma Igreja! Notar, aliás, a bela desproporção que existe entre os dois vv. que falam da submissão da mulher (vv. 22 e 24) e os nove vv. que falam do amor dos maridos por suas esposas (vv. 25-33), à semelhança do amor sponsal do Cristo que "amou a Igreja e por ela se entregou" (v.25).

No v. 33, conclusivo da perícopé, o Apóstolo fala do "respeito" (lit. "temor") da mulher por seu marido, numa inclusão com o v. 21, no qual falou do "temor" do Cristo. Teríamos gostado que ele falasse também do "respeito" do marido por sua esposa, mas o Apóstolo o silencia, preferindo insistir no amor do marido pela esposa, contraposto ao "respeito" da esposa pelo marido. Notar, a propósito, a sábia conjugação da fórmula de compromisso matrimonial, pela qual os noivos, ambos, prometem amar-se e respeitar-se, cientes de que, se o amor "lança fora o medo" (1Jo 4,18), não subsiste sem o respeito! Repito, teríamos gostado de que Paulo, aqui, explicitasse o mesmo paralelismo rigoroso da 1Cor 7,1-16 (cf. supra). O fato de ele não o ter feito, nada impede que nós o façamos.

Terminando este parágrafo, gostaria de chamar a atenção para a diferença entre o lacônico conselho da submissão das mulheres a seus maridos em Cl 3,18 e Tt 2,5, comparado com toda essa motivação que vimos em Ef 5,21-33.

3.4. A submissão das mulheres na Igreja: 1Tm 2,11-12

Este é o texto certamente mais problemático do ponto de vista feminino, ou feminista, de todos os textos paulinos. E não adianta muito lembrar que é, ou poderia ser, "deútero-paulino", como o seriam também as cartas aos Efésios e aos Colossenses. Porque, déuetero-paulino ou não, é um texto canônico, reconhecido como inspirado, fazendo parte integrante do cânon do NT, devendo portanto ser considerado em si mesmo.

o valor que, aliás, nenhum texto bíblico contém: isolado, atomizado

Claro que, antecipadamente, a chave do problema está em não devermos dar a 1Tm 2,11-12 o valor que, aliás, nenhum texto bíblico contém: isolado, atomizado, qualquer texto bíblico pode servir — e tem servido — para a defesa das mais estranhas posições. Por isso, também 1Tm 2,11-12 deve ser lido e interpretado no seu contexto, quer o contexto das cartas chamadas "pastorais", das quais faz parte, quer o contexto das outras cartas paulinas, o contexto da prática de Paulo, o contexto da prática de Jesus etc., como já expusemos no início deste artigo.

Mas enfrentemos estes dois vv. cruciais, vv. 11-12, e suas justificativas e complemento, nos vv. 13-15. A imagem da mulher "silenciosa" e "submissa" é o ideal já decantado pelo velho Sirácida, p. ex. em Sir 26,14: "Mulher amiga do silêncio é dom do Senhor. . .", ideal da tradição rabínica e ideal também proclamado na era pós-apostólica, p. ex. na carta de Clemente Romano⁽²³⁾, que fala aos coríntios da "regra da submissão" (1,3) e do "silêncio e moderação da língua" das mulheres (21,7). . . Preconceito machista? ou experiência (recente) das "tagarelas e indiscretas que falam a torto e a direito" (1Tm 5,13)? O fato é que

“Paulo” é incisivo nas suas restrições: a mulher deve **guardar silêncio** enquanto aprende, e **manter-se submissa**, isto é, “em toda submissão” (v. 11); e não consente que “a mulher ensine”, ou “domine” o homem. . . (v. 12). Considera-se, pois, o ensino, a fala pública, como um exercício da autoridade, do domínio, e isto compete ao homem. . . Por quê? As razões, tiradas de Gn 2-3, não levam em conta Gn 1, e apresentam versão diferente da “transgressão” original: esta, em Rm 5,12 é atribuída ao homem e não à mulher, como aqui e, já antes, na 2Cor 11,3 e, mais ainda, no Sirácida 25,24: “Foi pela mulher que o pecado começou, e é por causa dela que todos morremos. . .”⁽²⁴⁾ Enfim, como “prêmio de consolação”, se afirma no final que “contudo, a mulher será salva por sua maternidade”, mas ainda com condições. . . (v. 15)

Isto é, fosse este o único texto sobre a mulher, no NT, o machismo estaria sacramentado. Mas, graças a Deus, não é, como todos os textos anteriores o demonstram. Por isso mesmo, tem razão de ser a pergunta: Como é que a Igreja, ao longo de sua história, na prática valorizou tanto esta posição da 1Tm 2,11-12, fazendo-a absorver, indevidamente, 1Cor 14,34-35, para justificar o machismo cultural dominante, e não se deixou converter por tudo aquilo que, no próprio NT, deveria tê-la conduzido por outra estrada?

4. As virgens e as viúvas: 1Cor e 1Tm

4.1. A virgindade, segundo 1Cor 7,25-38

Numa passagem enigmática, que encontramos só em Mateus, diante da dificuldade que seus discípulos demonstram em entender sua decidida rejeição do divórcio e conseqüente reafirmação do casamento monogâmico, Jesus afirma também o valor do celibato, o sentido da opção de vida dos que “se fazem eunucos” por causa do reino dos céus: Mt 19,10-12. É na mesma linha que Paulo, ao mesmo tempo em que reconhece a bondade e beleza da vida conjugal, na sua primeira carta aos Coríntios (7,1-16), indica a alternativa da virgindade como um carisma “melhor” (ibid. 7,7-8.25-38). Sua argumentação, por isso mesmo, não é de necessidade mas de conveniência: “o tempo é breve” (v. 29), “a figura deste mundo passa” (v. 31), “para estar isento de preocupações” (v. 32), “para não ficar dividido” (v. 34). . . e se dirige a homens e mulheres indistintamente, como todo o contexto nesse c.7 dá a entender, embora tenha, historicamente, atingido mais a mulher.

Essa proposta de realização existencial independentemente do matrimônio desafiou os modelos de mulher do mundo judeu e do mundo antigo em geral, como desafia tanto os de hoje. Em épocas em que o matrimônio e a maternidade física eram valores quase absolutos, e em que a organização social não favorecia absolutamente a vida da mulher não casada, o NT propõe às mulheres, como também aos homens, um caminho novo: não antagônico, mas complementar ao do casamento restaurado por Cristo⁽²⁵⁾.

4.2. As viúvas, segundo 1Tm 5,3-16

Nesta longa passagem, Paulo desenvolve toda uma casuística para indicar quais as viúvas que a comunidade devia amparar: unicamente as que ficaram de fato sozinhas e têm certas qualidades morais (v.5), que têm mais de 60 anos e foram “casadas uma só vez”, isto é, foram esposas fiéis (v.9), que se desvelaram em boas obras (v.10). . . Quanto às viúvas jovens, e levianas (v.13, também v.6!), apesar do que está aconselhado na 1Cor 7,8.40, “que elas se casem e criem filhos” etc. (v. 14).

Alguns vêem nas viúvas “verdadeiras”, dos vv. 3-10,

já uma instituição peculiar, de certo modo afim às “diaconisas”⁽²⁶⁾. Mas nada aparece em todo o texto com referência a um ministério exercido: elas são antes as beneficiárias da diaconia eclesial, como em At 6,1-6, do que suas agentes.

Conclusão

Não sei o que Paulo comentou, lá no céu, ao tomar conhecimento de que o seu xará, Paulo VI, apesar do que **está escrito** na 1Tm 2,11-12, declarou duas mulheres, as primeiras, entre tantos homens já reconhecidos e aclamados doutores, como **doutoras da Igreja**: Catarina de Siena e Teresa de Ávila, exatamente no dia 4.10.1970, portanto, há quase vinte anos.

o resultado positivo de um resgate do autêntico conceito de Paulo sobre a mulher

“Sinal dos tempos”, por certo. Sinal de que algo novo está acontecendo, graças a Deus, na Igreja de Deus. Algo novo também na compreensão da palavra bíblica inspirada, normativa para a nossa fé e de tão profunda influência em nossa cultura. E este novo é que nos leva a repensar esta palavra bíblica, a lê-la com olhos novos, com boa vontade, e inclusive sem revanchismos, propiciando o resultado positivo de um resgate do autêntico conceito de Paulo sobre a mulher. Um conceito, evidentemente, bem mais marcado pelos largos horizontes de Gl 3,28 do que pelas restrições de 1Tm 2,11-12; bem mais atento à submissão mútua de Ef 5,21 do que à submissão só da mulher em Ef 5,22-24; bem mais caracterizado pelo apreço de Paulo por Priscila, Lóide e Eunice, mencionadas ainda na 2Tm, do que pelas precauções contra as “viúvas alegres” da 1Tm 5,11ss.

Sim, lendo com atenção e simpatia **todo** o legado paulino, quer o de Paulo autêntico, quer o de seus discípulos, e lendo-o **em Cristo**, reconheceremos, como conclui a mais vezes citada Maria BERTETICH, que o mesmo São Paulo, revelando-nos que “não há mais homem e mulher, em Cristo”, nos ensina também como ser homem e mulher, mulher e homem, em Cristo⁽²⁷⁾.

NOTAS

(1) PEREIRA, N. B., “A mulher no Sirácida”, in “Encontros Teológicos”, Florianópolis, n.3 (1987/1), pp. 16-21, publicado também em “Estudos Bíblicos”, 20, Ed. Vozes 1988, pp. 46-58, e em “Rev. de Cultura Bíblica”, ed. Loyola, nn. 53-54, 1990, pp. 128-142.

(2) BERTETICH, M., “Las mujeres — en la vida y los escritos de San Pablo”, in Rev. Bíblica Argentina 38 (1976), 1, pp. 15-48.

(3) Cf. ZAPPELLA, M., “A proposito di Febe prostátis, Rm 16,2”, in Riv. Biblica Italiana 37 (1989), 2, pp. 167-171.

(4) Chegou inclusive a formar-se uma tradição apócrifa, enfeitada pela lenda, sobre o amor platônico entre Paulo e Tecla. . . cf. Acta Pauli II, 24-41, cit. por TROMPF, G. W., “On attitudes toward women in Paul and paulinist literature: 1Cor 11,3-16 and its context”, in CBQ 42 (1980), 2, pp. 196-215, cf. p. 211.

(5) Embora as traduções costumeiras continuem a disjuntiva “nem”, após “judeu nem grego” e “escravo nem livre”, Paulo tem o cuidado de empregar a conjunção e: “homem e mulher, para preservar a distinção dos sexos na sua nova igualdade (cf. TROMPF, G. W., art. cit., p. 211, nota 50).

(6) Paulo usa, no seu texto, os termos sexualmente diferenciados de Gn 1,27: "macho" e "fêmea", assim diferenciados tanto no TM (hebraico) como na LXX (grego).

(7) Nesta passagem da 1Cor 12,13, texto paulino da primeira hora, a falta da menção de "homem e mulher" talvez seja devida à necessidade de expurgar um texto inovador que foi sendo abafado pela tendência antifeminina logo dominante... (cf. TROMPF, G. W., art. cit., p. 205, nota 30).

(8) MURPHY O'CONNOR, J., "1Cor 11,2-16 once again", in CBQ 50 (1988) 2, pp. 265-274. Ver a conclusão, na p. 274.

(9) Cf. Id., "Interpolations in 1 Corinthians", in CBQ 48 (1986), 1, pp. 86-94.

(10) Cf. Id., Sex and logic in 1Cor 11,2-16", in CBQ 42 (1980), 4, pp. 482-500.

(11) FEUILLET, A., no seu estudo de 1Cor 7b, "L'homme, gloire de Dieu et la femme, gloire de l'homme", in RB 81 (1974) 2, pp. 161-182, explica que o termo "glória", nessa passagem, não é "reflexo", como às vezes se traduz, mas "honra, ufanía". E conclui: "Tratada com desprezo por Aristóteles, que dela faz um 'homem falhado', conceito que tanto pesou sobre o pensamento medieval, inclusive sobre Tomás de Aquino, a mulher recebe seu pleno reconhecimento em Gn 1-2 e também na 1Cor 7, que é seu eco: etc, em pé de igualdade com o homem, é imagem de Deus e, ao mesmo tempo, 'glória e ufanía' do homem" (ibid., p. 182).

(12) Ver o breve mas excelente artigo de ANTONIAZZI, A., "São Paulo não era antifeminista", in Atualização 49-50 (1974) pp. 60-64, comentando por sua vez o estudo de Annie JAUBERT "Le voile des femmes, 1Cor 11,2-16", in NTS 18 (1971-72), pp. 419-430.

(13) Cf. ADINOLFI, M., "Il velo della donna e la rilettura paolina di 1Cor 11,2-16", in Riv. Biblica Italiana 23 (1975), 1, pp. 147-173.

(14) Assim Conzelmann, Schweitzer, Barrett, depois da publicação do estudo de FITZER, G., "Das Weib schweige in der Gemeinde", München, Kaiser, 1963, cf. MURPHY O'CONNOR, J., "Interpolations in 1 Corinthians", in CBQ 48 (1986), 1, cit. p. 90.

(15) Assim FLANAGAN, N. M., "Did Paul put down women in 1Cor 14,34-36?" in BTB 11(1981), 1, pp. 10-12 e, mais incisivamente, ODELL-SCOTT, D. W., "Let the women speak in Church — an egalitarian interpretation of 1 Cor 14,33b-36", in BTB 13 (1983), 3, pp. 90-93.

(16) SCHÜSSLER-FIORENZA, E., "In memory of her", N. York, Crossroads, 1983, pp. 230-233, cit. por MURPHY O'CONNOR, "Interpolations..." (art. cit., p. 90).

(17) Ver a argumentação do mesmo MURPHY O'CONNOR, ibid., p. 91.

(18) ODELL-SCOTT, D. W., art. cit. acima, Nota 15.

(19) FLANAGAN, N. M., art. cit. acima, Nota 15. Como exemplos de outras "consultas" que Paulo cita e comenta elou rebate, FLANAGAN enumera: 1Cor 1,12; 2,15; 6,12 e 10,23; 6,13; 7,1; 8,1; 8,4,8; 11,2; 15,12...

(20) Conferir, na 1Cor 7, a relativização que Paulo estabelece para a própria circuncisão, diante da urgência escatológica: "a circuncisão nada é, a incircuncisão também nada é..." (v. 19). Por sua vez, a própria escravidão, assim como a liberdade, são relativizadas no v. 21, assim como, no v. 27, o casamento e o celibato.

(21) Cf. o longo estudo de DELLING, G., no "Grandê Lessico del NT" (trad. do original alemão), ed. Paideia, Brescia, vol. XIII, 1981, col. 930-944, sobre hypotáso no NT. Infelizmente, quase nada há sobre esse termo no "Dicionário Internacional de Teologia do NT" das ed. Vida Nova, trad. do original alemão ed. por COENEN, L.

(22) Este texto da 1Pd 3,1-2 tem um paralelo em Plutarco, autor pagão, que exorta as mulheres a serem submissas inclusive no culto, venerando só os deuses de seus maridos... o que, segundo o Apóstolo, não acontece com a mulher cristã (cf. BERTETICH, M., art. cit., p. 38).

(23) Cf. o estudo de RAMADA, Daniel e Marta, "A mulher na era pós-apostólica (reflexões a partir da 1:Clem. aos Coríntios)", in Encontros Teológicos n.3 (1987/1), p. 21-23.

(24) Cf. meu comentário a respeito deste versículo no já cit. art. "A mulher no Sirácida", in Encontros Teológicos n.3 (1987/1), pp. 19-20.

(25) Cf. BERTETICH, M., art., cit., pp. 43-44.

(26) Cf. Id., ibid., pp. 42-43.

(27) Cf. Id., ibid., p. 48.

Endereço do autor:

Cx. Postal 5041 — ITESC

88041 — FLORIANÓPOLIS, SC

A MULHER-LEIGA CONSAGRADA

Pe. Alberto Gritti
Professor de Teologia Espiritual

IS? Que é isso? Uma sigla a mais que desponta no universo das entidades? Para muitos, uma sigla desconhecida. Mas não totalmente na Igreja, onde, desde Pio XII, o estudo para chegar-se a uma especificação mais clara de "Instituto Secular" continua sem interrupção. A começar da Constituição "Próvida Mãe Eclésia", de 1947, até o Documento de Puebla⁽¹⁾ em 1979, existe uma admirável seqüência de pronunciamentos.

Os documentos são uma reflexão sobre algo de concreto que diz respeito à prática de viver o Evangelho dentro de uma nova forma de vida cristã que é chamada "consagração do(a) leigo(a) no mundo".

Homens e mulheres, é verdade, mas a adesão dos primeiros é bem reduzida em comparação com o número das mulheres consagradas.

Nem podemos dizer que seja uma modalidade totalmente nova. No decorrer da história da Igreja houve já virgens consagradas no mundo, nos primeiros séculos, mas depois desapareceram quando a vida religiosa institucionalizada foi-se consolidando.

Uma companhia de virgens seculares existiu com Ângela de Mérci em 1530, no norte da Itália, as quais, na crise eclesial que se deu com o protestantismo, deram testemunho de vida evangélica junto aos mais pobres.

Esta maneira de ser Igreja, somente nos últimos cin-

qüenta anos tomou uma feição mais nítida e universal, através dos Institutos Seculares. Embora de maneira discreta, é esta uma das peculiaridades de "estar no século" sem nenhuma oficialidade, sem hábito nem convento, mas infiltradas no mundo como o sal, o fermento do Evangelho.

leigas, empenhadas nos valores próprios do laicato, porém numa secularidade consagrada.

Elas existem e testemunham em ambientes os mais diversificados. Ana é enfermeira, Márcia é secretária numa grande empresa, Neusa é funcionária pública, Maria trabalha num supermercado, Lúcia é professora. Elas vivem no mundo, como as outras, habitam com seus familiares ou em apartamento próprio, ou em pensão, e há quem assumiu a atividade apostólica na missão, em áreas bem carentes.

Seu compromisso e consagração são conhecidos por Deus, por suas colegas do mesmo Instituto, e pelo Bispo Diocesano.